

CORREIO BRAZILIENSE

Operação desmonte

16 AGO 1990

A Operação Desmonte, publicada com exclusividade pelo **CORREIO BRAZILIENSE**, está causando pânico entre os políticos governistas, especialmente os que têm se valido do erário em suas submissas carreiras. A hipótese de vir a ser adotada, por isso mesmo, é muito remota. A celeuma que provocou, no entanto, é salutar para o processo de conscientização da opinião pública.

O que a Operação Desmonte pretende, em resumo, é o término de programas inócuos e paternalistas, de eficiência duvidosa. A administração brasileira tem como característica básica a confusão. Há alguns anos o ex-senador Gilvan Rocha, de extraordinária passagem pelo Senado, fez um levantamento sobre repartições e programas na área de saúde. Chegou à conclusão de que havia órgãos superfluos, com vários deles incumbidos da mesma tarefa, e de que os programas eram lançados e relacionados sem compromisso de execução.

Esse quadro foi o mesmo identificado por Aderbal Jurema, também outro notável senador, em relação à política de abastecimento. São várias repartições que se confundem e se atrapalham, como há, também, centenas de programas superpostos. Deve ser um setor fascinante, um desafio à inteligência, como provam as dezenas de pedidos que o senador Alexandre Costa tem recebido para cargos de direção da SAB, que não paga bem.

A Operação Desmonte, brilhante tiro de reportagem de Arnolfo Carvalho, visa modificar esse quadro com a extinção ou transferência para estados e municípios de inúmeros programas dispensáveis. Houve uma época neste País em que foi moda criar autarquias, depois passou-se para fundações, sociedades de economia mista e empresas públicas, que instituíram subsidiárias de subsidiárias. O TCU vem alertando contra esses abusos desde os ministros Wagner Estelita Campos e Luís Galloiti, no início da década de 70, mas, como não tem poder, sua pregação caiu no vazio.

O que pretendem os ministros do Planejamento e da Fazenda com essa operação é um reequacionamento administrativo que terá de ser feito um dia. Napoleão, um gênio, dizia que só podia ter sob suas ordens sete linhas de comando. No Brasil, o Presidente da República tem 27 ministros e outro tanto, no mínimo, de presidentes de empresas, passando até por cima dos ministros. Admitindo que precise de duas horas por semana para cada ministro, sobralheá pouco tempo para examinar as questões antes de decidir e ouvir os setores da sociedade. Isso não esquecendo que os áulicos têm seu direito.

Bastaria tal mudança para justificar a Operação Desmonte. Como, porém, além dessa alteração, ela pretende extinguir gastos inúteis, pode-se dizer que nasceu morta. Um fato lamentável, sem dúvida.